

**Aos estudantes de Serviço Social,
aos estudantes de Cinema e Audiovisual,
a todos os estudantes do CAHL,
aos meus colegas professores,
aos servidores técnicos,
aos servidores terceirizados
e a quem interessar possa.**

RETRATAÇÃO PÚBLICA DO PROF. ROBERTO DUARTE

Diante da denúncia em redes sociais de uma agressão verbal cometida por um Professor de Cinema contra alunas de Serviço Social quero me apresentar como o professor denunciado, dar a minha explicação e me retratar perante pessoas e coletivos que tenham se sentido atingidos. Pretendo reconhecer que de fato me expressei de modo completamente inadequado durante um processo de avaliação, produzindo efeitos que infelizmente só agora percebo. Efeitos de sentido que são absolutamente contrários ao que acredito.

Nos últimos dias de semestre letivo 2017.1, fui convidado pela Professora Ana Paula Nunes para, juntamente com o Prof. Guilherme Sarmiento, avaliar e comentar roteiros produzidos por seus alunos na disciplina optativa Cinema e Educação. Não era pedido que atribuíssemos notas, mas apontar as qualidades positivas ou negativas dos trabalhos.

As avaliações foram feitas em duas sessões, em semanas consecutivas. Em cada uma delas dois roteiros foram apresentados. Foram quatro, ao todo. Os grupos participantes eram formados majoritariamente por alunos de cinema, mas havia um grupo de três, formado por uma aluna de Cinema e duas alunas de Serviço Social.

Roteiro de cinema é meu principal tema de estudo e pesquisa. Quando avalio roteiros, costumo ser rigoroso com as questões da técnica da escrita e tento analisar com a maior profundidade que eu alcance o enredo e a dramaturgia. Considero que os temas e assuntos são escolhas pessoais dos artistas criadores que devo respeitar. Analiso e comento apenas as soluções técnicas e artísticas.

Dos quatro roteiros que analisamos, três estavam formatados de maneira razoavelmente correta. O quarto roteiro não atendia às exigências de padrão técnico no que diz respeito ao formato da escrita de roteiro em uso na atualidade. Este roteiro tinha sido escrito pelo grupo composto pela aluna de Cinema e as duas alunas de Serviço Social.

Ao comentar este roteiro, expliquei o que estava errado, porque e como deveria ser corrigido. Quis demonstrar que ele estava muito longe de atingir o padrão necessário. E foi para enfatizar esse grau de desacerto que lamentavelmente usei a expressão que está causando todo o problema.

Me expressei no sentido de dizer que se aquele roteiro tivesse sido escrito por um aluno de cinema, que já tivesse recebido aulas de roteiro, seria um erro grave. Não existe castigo para alguém que erre na formatação de roteiro. Minha prática é orientar os alunos ao refazerem os trabalhos, acompanhando a refação dos mesmos. Naquele momento, eu queria dar ênfase à importância do erro. Ao tamanho dele.

Falando de improviso e procurando dar efeito ao que estava dizendo, usei o termo ‘chibatadas’, e lamento, mas não lembro com precisão a frase em que empreguei o termo. Foi uma metáfora empregada para ressaltar as falhas no trabalho, sem evidentemente nenhuma conotação ou sugestão de merecimento de punição real. Reconheço que foi uma metáfora infeliz, de mau gosto, inadequada e agressiva. E que remete a contextos históricos de tristes memórias. Enfim, um erro grotesco.

Quero porém ressaltar que naquele contexto não havia intenção de minha parte de fazer qualquer referência a temáticas da escravidão, da opressão às mulheres ou a discriminações de minorias. Nada disso estava em pauta. Nada disso estava em discussão ou tematizado. Porém, não posso deixar de reconhecer que efeitos de sentido se produzem mesmo à revelia da intenção de quem fala. Foi o caso.

Mas eu disse o que disse e sei que errei. Percebo agora que, na vontade de ser enfático, me excedi e produzi um comentário deslocado, desnecessário e desrespeitoso na relação professor-alunas. Conforme o meu caráter, quero declarar e assumir este erro.

Gostaria de me dirigir às pessoas que se sentiram diretamente atingidas pela expressão, para dizer que não tive intenção de as ofender individualmente, nem como gênero, etnia, classe ou categoria a que elas pertençam.

Gostaria de me retratar por um mal que eu não quis causar e que se causei foi por erro. Se este assunto tivesse chegado a mim antes, teria tomado a mesma atitude que tomo agora.

Para concluir, quero declarar que reconheço nas minhas condições de origem, de classe social, de inserção cultural, todas as matrizes ancestrais de nossa sociedade machista, racista, homofóbica e discriminatória.

Ao longo de muitos dos meus 67 anos de vida venho tentando superar as limitações consequentes destas condições, e entendo que agir contra essas matrizes é um dever de cidadania. Declaro que sou aliado das causas dos negros, das mulheres, dos homossexuais de todos os matizes, entendendo que essas questões são parte de uma matriz muito mais profunda e perversa, da luta de classes e de todas as formas de exploração que permanecem vivas em nossa sociedade.

Pessoalmente, milito no contexto do nosso sindicato, APUR, na defesa das causas dos professores, da universidade pública, gratuita e de qualidade e dos trabalhadores em geral. Tenho me manifestado a favor de movimentos indígenas, dos negros, das mulheres, dos vários grupos homo e transsexuais em diversas ocasiões, e também nas lutas da classe trabalhadora.

Nas ocasiões em que fui gestor ou representante de coletivos, sempre agi guiado por princípios republicanos de igualdade dos direitos de todos, sem privilegiar ou discriminar, por qualquer motivo, qualquer pessoa ou grupo. Espero assim poder continuar. Prometo, sobretudo depois deste episódio, moderar minhas expressões, metáforas e ênfases.

Cachoeira, 20 de dezembro de 2017



Roberto Lyrio Duarte Guimarães
Professor Adjunto III
CAHL UFRB
Matrícula 1673957